

Os doutores revolucionários em Cuba

TIMOTHY ANDERSON

BROUWER, Steve. *Revolutionary doctors: how Venezuela and Cuba are changing the world's conception of health care*. New York: Monthly Review Press, 2011.

O impacto humano, o impacto na solidariedade [...] de um grupo de médicos oferecendo seus serviços gratuitos é muito grande [...] Nossa missão é muito maior que arrecadar um punhado de dólares. Nossa missão é criar um doutrina relacionada à saúde humana (FIDEL CASTRO, 1999).

Revolutionary doctors, de Steve Brouwer, é um encorajador relato dos novos sistemas de medicina pública conduzidos há muitos anos por Cuba e agora adotados em grande escala pela Venezuela do então presidente Hugo Chávez. O autor recorre à crescente literatura sobre o tema, particularmente sobre o sistema de saúde cubano, mas centra o livro em torno das suas próprias observações acerca

das redes de saúde pública em rápida expansão na Venezuela.

Steve Brouwer é um escritor experiente, autor ou coautor de vários livros (*Sharing the Pie*; *Exporting American Gospel*; *Conquest and capitalism*; e *Robbing us blind*) sobre temas sociopolíticos tais como a desigualdade nos EUA, o fundamentalismo cristão e o capitalismo predatório, e passou algum tempo na Venezuela, principalmente em uma comunidade rural. Brouwer não é um especialista em saúde e, como ele mesmo admite no início:

Eu não fui à Venezuela [...] escrever um livro sobre a prática revolucionária da medicina. Eu fui viver em uma vila na montanha e escrever sobre como as pessoas do campo [...] estavam transformando suas vidas através da participação ativa na revolução bolivariana (p. 7).

Há várias características distintas nessa obra bastante

TIMOTHY ANDERSON

Professor sênior de Política Econômica da Universidade de Sidney.

agradável e informativa. Em primeiro lugar, a narrativa efetivamente combina um estilo de jornalismo investigativo, que faz uso de anedotas e histórias personalizadas, mas com embasamento em análises e dados sociais mais amplos. O livro, portanto, não se prende em um formato acadêmico excessivamente árido, mas consegue ainda assim manter muito da substância esperada de um trabalho acadêmico. Em segundo lugar, há uma valiosa integração de discussões sobre saúde pública e transformação social. Isto é o que Salvador Allende chamava de “medicina social” latino-americana. Allende buscava:

Recuperar a riqueza social e o potencial econômico da nação, controlá-lo, direcioná-lo [...] sem privilégios ou exclusões [...] para readquirir a capacidade fisiológica de um povo forte, recuperar sua imunidade a epidemias [...] [e assim ajudar a fornecer] uma melhor disposição de espírito para viver e apreciar a vida (ALLENDE, 1939).

O livro alterna de maneira natural, indo e vindo entre a prática médica e esse debate social mais amplo, ilustrando os desafios postos aos valores sociais e à ideologia. Em terceiro, há uma admiração declarada e

uma defesa dos processos que não perde demasiado tempo com barreira de propaganda dirigida de Washington contra qualquer coisa relacionada a Cuba ou que pareça remotamente socialista. Há apenas a referência isolada às críticas originadas dos bastiões da privatização e privilégio.

Além das extensas anedotas do autor sobre a atenção básica de saúde na Venezuela, *Revolutionary doctors* inclui análises da literatura tanto em inglês quanto em espanhol. Ele incorpora o melhor dos estudos norte-americanos (por exemplo, Julie Feinsilver, John Kirk, Howard Waitzkin, Gail Reed, Conner Gorry e Paul Farmer) junto a muitos escritores cubanos sobre saúde pública.

O estilo de Brouwer pode ser visto em passagens tais como esta, onde novamente temos alguns insaites sobre as implicações mais amplas da construção do sistema de saúde através do programa venezuelano Bairro Adentro:

Além dessas doenças crônicas, havia uma condição imediatamente evitável: desnutrição [...] membros dos comitês de saúde haviam buscado essas pessoas em suas casas e as convenci-

do de consultar um médico quando atendessem a um chamado [...] O tratamento prescrito, após o exame médico confirmar que eles estavam de fato mal nutridos e não tinham recursos para uma dieta adequada, foi inscrevê-los para duas refeições diárias servidas pela “casa de nutrição”, uma cozinha comunitária administrada por cinco mulheres da vizinhança em uma casa privada [...] O espírito de envolvimento comunitário, que havia sido fomentado pelo êxito dos comitês do Bairro Adentro, foi contagioso. Ele permitia à vizinhança organizar outros esforços para melhorar a qualidade de vida, tais como um projeto de saneamento básico [...] Utilizando materiais doados pelo governo, mas contando com trabalho voluntário da comunidade, os residentes tinham escavado a rua principal e instalado um novo sistema de água e esgoto (p. 98-99).

Revolutionary doctors pode ser lido em seções. Os primeiros capítulos introduzem o sistema cubano de saúde pública, e em particular suas características internacionalistas e sua história. Os capítulos 5 a 9 discutem os processos de construção de um sistema de saúde público na Venezuela, particularmente nos níveis primário, preventivo e de promoção da

saúde. Por fim, os últimos três capítulos (10-12) abordam importantes batalhas ideológicas e o papel das campanhas de “contrainsurgência” estadunidense, que buscam desestimular a construção de sistemas de saúde públicos em qualquer lugar – incluindo os próprios EUA. Este importante contexto nos lembra, com detalhes, o porquê de não podermos olhar a saúde pública como um processo técnico ou apolítico. Há uma substancial oposição por parte de interesses poderosos.

O debate desses últimos capítulos me lembra das diferenças que eu percebi em visita este ano à escola médica venezuelana em processo de expansão, a qual tem sido chamada de “filha” da cubana ELAM (Escola Latino-Americana de Medicina). Enquanto a rede ELAM cubana tem mais de 20 mil estudantes, a ELAM venezuelana em 2011 tinha cerca de 2 mil. E enquanto o intenso treinamento médico cubano para estudantes de outros países enfatiza uma educação não política, baseada em valores humanistas, o mesmo não pode ser dito da faculdade venezuelana. A partir do primeiro ano, os estudantes são treinados

como médicos socialistas, engajados em uma batalha política contra a medicina capitalista. Essa diferença reflete a realidade das ruas. Em Cuba há um sistema de saúde pública bem coordenado e estabelecido. Já na Venezuela, mesmo após uma década de construção de um forte setor público, há uma batalha diária contra um altamente politizado setor privado de saúde.

O livro de Steve Brouwer é uma bem-vinda contribuição à crescente literatura latino-americana sobre medicina social e está facilmente acessível aos leitores anglófonos. Ele vai além de uma simples análise de caso nacional, integrando novas ideias sobre a social-democracia com a construção de

um sistema público de saúde. Altamente recomendado.

Traduzido do inglês por Clayton Mendonça Cunha Filho

REFERÊNCIAS

ALLENDE, S. **La realidad medico-social chilena**. Santiago de Chile: Ministerio de Salubridad, Previsión y Asistencia Social, 1939.

CASTRO, F. **Palabras del presidente del Consejo de Estado de la República de Cuba, Fidel Castro Ruz, a los estudiantes graduados del Instituto Superior de Ciencias Medicas de La Habana, en el Teatro 'Carlos Marx', el día 9 de agosto de 1999', La Habana**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1999/esp/f090899e.html>>.